

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração

Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

O "Povo Algarvio" envia as suas mais calorosas saudações a sua Ex.^a o Sr. Dr. Oliveira Salazar, pelo seu 50.º aniversário natalício e pelo seu undécimo aniversário da posse da Pasta das Finanças, início da sua formidável obra de Restauração Nacional.

À benção dos lugres bacalhoeiros

O programa doutrinário e a obra intrinsecamente objectiva do Estado Novo, realizados sob a benção de Deus e a égide de chefes eminentes, ao mesmo tempo que souberam despertar a Nação do seu profundo letargo político, introduziram-lhe, como não podia deixar de ser, uma forte corrente de carácter espiritual—para que o trabalho de renovação fôsse perfeito, dentro de tôdas as suas características históricas.

A' perversa indiferença religiosa das épocas assinaladas pelo estigma do deus-liberalismo, sucedeu uma intensa vida do espírito, a selecção e respectiva glorificação dos valores morais, o regresso à fé de antanho, a obediência positiva e solene aos preceitos considerados irredutivelmente cristão. E' este, sem dúvida, um dos mais luminosos sinais da vitória portuguesa, a treze breves anos do arranco salvador da Revolução Nacional.

Veem estas palavras a propósito da recente cerimónia da benção dos lugres bacalhoeiros, lançada em ambiente de profunda religiosidade pelo Senhor Arcebispo de Mitilene, no último dia 16.

Assistiram à comovente cerimónia altas individualidades das esferas política e social, como os Ministros da Marinha e do Comércio, e muitos elementos dos Sindicatos Nacionais, que se incorporaram no vistoso cortejo fluvial e quizerem com a sua presença afirmar mais uma vez a indestrutível aliança existente entre o poder temporal, representado pelo Estado, e o poder espiritual, de que a Igreja é única e legítima detentora.

A oração do ilustre prelado, no momento da benção, foi eloquentemente incisiva: pediu o auxílio divino para os navios bacalhoeiros que no dia seguinte iniciariam a penosa viagem aos bancos da Terra Nova e à Groelândia, e para quantos neles fossem embarcados, ao mesmo tempo que para o proveito da faina e o regresso, em devido tempo, ao seio das saudosas famílias.

Convém acentuar que, como disse o presidente do Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau, durante o *Porto de honra*, que se seguiu à celebração do acto religioso, tal cerimónia representa a *readaptação aos novos tempos, do tradicional e histórico cirio com que os pescadores de outrora celebravam a união muito portuguesa da fé e do trabalho, com a fé de Deus.*

Juntamos a nossa prece à do ilustre Prelado, e acompanhamos em espírito os heroicos homens do mar, a quem o Estado Novo dedica um sincero e especial carinho.

À Suíça defende-se

Acenando com magníficas vantagens económicas, alguns deputados (há-os sempre para isso), solicitaram ao Conselho Federal da Suíça o reatamento de relações diplomáticas com a Rússia Soviética.

O Conselho Federal respondeu com uma categórica negativa alegando, entre outros motivos:

«Seria útil que as circunstâncias permitissem reatar relações normais com o Governo dum grande país se tivessemos a certeza que, a exemplo de todos os outros países com que a Suíça mantém relações diplomáticas, o governo da U. R. S. S. se absteria de se imiscuir nos problemas de política interna. Mas o 18.º Congresso

do partido comunista reunido em Moscovo de 9 a 21 de Março último, onde uma vez mais foi afirmada a identidade existente entre o Governo da U. R. S. S. e o «Komintern», demonstra que aquela atitude de neutralidade se não verificaria».

A Suíça que conhece bem esse inimigo mortal e que ao lado de Portugal foi dos poucos países a insurgir-se contra a admissão da Soviética na Sociedade das Nações—causa de tantos males—respondeu como devia e uma vez mais mostrou coerência no seu veemente desejo de defender a saúde do seu corpo nacional e social.

PELA CIDADE

Club Recreativo Tavirense—Conforme já noticiámos comemora hoje, com grande pompa a passagem do seu 19.º aniversário, este simpático clube.

Os nossos parabens.

Indústria que recomeça a laborar—E' com certo júbilo que recebemos a notícia de que vai recomeçar a laborar a Fábrica de Moagem Matriculada da firma J. A. Pacheco, uma das mais importantes indústrias da cidade que pelo motivo de se ter concentrado com a Sociedade Aliança, de Lisboa, estava desde o dia 1 de Janeiro paralizada.

Segundo nos informam a fábrica vai trabalhar dentro duma nova orientação tendo à frente da sua gerência o sr. Eduardo Rafael Pinto Junior, que tão sobejas provas de industrial tem dado.

Este facto vai atenuar bastante a crise que se faz sentir na nossa terra especialmente nos meses de Inverno.

Ensaio—Do Orfeão: Terça e Sexta, na Sociedade Orfeónica. **Da Revista:** Segunda, Quarta, Quinta e Sabado, no Teatro Popular.

Armações de Atum

Já foram lançadas ao mar algumas das armações de atum, existentes nas nossas costas.

Iniciou-se a grande faina para o copejo e oxalá, que este ano seja compensador, o que não sucedeu infelizmente o ano passado que foi dos piores anos de pesca dos últimos tempos.

Que os bravos pescadores sejam compensados pelo seu enorme esforço são os nossos votos.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmácia ALDOMIRO.

PELA IMPRENSA

«Diário da Manhã»—Deste brilhante diário, de Lisboa, órgão da União Nacional, transcrevemos «As Casas do Povo» que noutro lugar inserimos.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

Pontos de Vista

JUDAS

Houve um homem que, aparentando a maior lealdade, beijou na frente o Redentor; para depois o trair vilmente. Chamava-se Judas e o péso do remorso levou-o ao suicídio, enforcando-se numa fogueira.

Desnecessário será dizer que daí para o futuro Judas ficou sendo na história do mundo símbolo da traição.

Um dos numeros obrigatórios nas festas da Semana Santa é a exaltação do maroto em plena rua, escolhendo se para isso o sábado de aléluia. Judas é então representado por um boneco de palha e queimado entre o alarido do povo que dá largas à sua colera e à sua alegria vendo o estafermo sumir-se no fogo como nas fornalhas do inferno.

Apesar de tudo a lição não frutificou. Judas deixou na terra uma tão poderosa e fértil semente, que se torna impossível dar cabo dela.

Parece até que, quanto mais se combate o fatídico gérme, mais a sua acção se reproduz derramando todo o fel da asquerosidade que contem. Os Judas surgem como cogumelos, sob as aparências mais fantásticas, alguns com cânticos de sereias, outros com sorrisos duma inexcedível doçura, sorrisos de Madóna em que só transparece enternecimento e bondade.

Afinal expandem-se como tartufos que são, chafurdam nas torpezas que engendram, e passam amarguradamente a vida inteira esmagados pela falta da sua consciência e pelo rancor do padeiro que chora os sacrificios que faz levantando-se à meia noite para lhe amassar o pão que terá de comer!...

Há, portanto, Judas em toda a parte, de todos os feitios. Judas que se apresentam como mendigos, esfarrapados e sujos, Judas que veem até nós de luva branca e bolas de polimento, esgrimindo com o mais fino palavreado. Há Judas como larápios que vão a pouco e pouco preparando o assalto, senhores da nossa estima e da nossa confiança, e há Judas que se reveem na sua obra de destruição, ganha pela sua astúcia, urdida à custa do cinismo e da perversidade.

Em geral o Judas é uma espécie de manequim, tacanho, marreco, tamanhino e bailarino. Ao contrario do que assinalam os quadros inspirados nas descrições bíblicas, o Judas não é barbudo nem feiçaludo, espécie de monstro que horripila. O traidor mascara-se conforme as conveniências, toma diversos aspectos, resigna-se à imperiosa vontade dos ambientes, e assim o vemos manso como um cordeiro, humilde como um santo, generoso como um anjo, apto à punhalada que estuda certa feita na boa fé dos incautos.

Conhecemos um que excede de malvadez aquêle que deu o corpo á voracidade dos corvos pendurado numa arvore. Parece um anão, é quasi calvo e usa um bigodinho de primitivo recorte. Como todos os da sua espécie impa de estupidez e é á força dela—conduzida com a arte dos manhosos e dos velhacos—que governa a vida. Mas, como todos os Judas, cairá mais dia menos dia, se bem que o histrião, á guisa dos lagartos que mudam de cor, acomoda-se com facilidade ás ideias dos outros, a todas as ideias, bastando para isso que elas lhe ofereçam condições de resistencia para se elevar.

Nos tempos que vão correndo de renovação e de uma exigencia de aprumo moral que bem se justifica perante a decadencia de elementos consubstanciais de pundonor e honra que influíram numa época desastrosa de largos desvairamentos, tempos claros como a primavera que estamos apreciando, a persistencia dos Judas, invocadora de tristezas passadas, é de revoltante presságio. Convém, portanto, que nos preservemos do mal.

Após as causas e as intranquilidades combatidas com denodo por meio duma revolução sensata que salvou o país, não faz sentido o desconhecimento dos autenticos judas, agarrados a uma benevolencia que as suas proezas e maleficios constantes não merecem.

A' escumalha que por cá ficou no mistério duma máscara ludibriosa, fiada nas suas espertezas, impõe-se a mais severa limpeza, da qual deriva o mais ambicionado socego.

Os Judas não pertencem á obra de pacificação por que todos trabalhamos. Os Judas são antagonicos a um Estado Novo em que se procura resolver todos os problemas com o direito, a verdade e a Justiça. A vida de hoje, entre nós, tem de levar-se com a cara levantada, sem hipocrisias, sem traições, sem Judas.

E' assim mesmo. Lembrem-se todos que eles nem o Cristo poupam, convertendo a inocencia dum beijo na atrocidade dum crime!

Os que por cá andam são iguais. Só com a diferenca de que não procurariam as figueiras para morrer, vencidos pelo remorso, mas apenas para comerem os figos...

Judas!...

Accurcio Cardoso

Pêso mortos

Verdade, verdade o vigor combativo dos nossos declarados adversários não é o que verdadeiramente nos preocupa. Pelo contrário: o esforço que eles realizam para depurar as suas próprias doutrinas só poderia vir a provocar nas nossas fileiras reacções vigorosas—e um consciente esforço de renovação espiritual. Lembra-nos certa página magnífica de Jackson de Figueiredo louvando o Senhor pelos inimigos que lhe deparava... Por eles se dinamizavam as suas próprias ideias e se lhe fortalecia no ânimo o amor da perfeição, e o sentido vivo das responsabilidades perante os que o seguiam no seu ardoroso anseio de Verdade...

O que deve preocupar-nos é o risco da convicção da nossa força nos anquilosar a capacidade do raciocínio e de observação—atirando connosco para um conservadorismo estreito e apagado em que a certeza de haveremos alcançado o definitivo progressivamente nos afaste das realidades.

Há nas *direitas* (a expressão é má e falsa, mas necessária, para que nos entendam), como nas *esquerdas*, tendências quasi irremovíveis para a frase feita como para o raciocínio feito. A preguiça de pensar (tão perigosa como a mania de pensar) leva naturalmente os homens a aceitar sem crítica as mais espantosas afirmações, *concluindo por saltos* em vez de buscar a conclusão verdadeira e serena como resultado natural de um labor firme de rectificação.

Preocupa-nos mais em rectificar as ideias dos outros do que as próprias, esquecidos de que a nossa vitória será bem débil coisa se derivar da fraqueza dos inimigos muito mais do que da nossa própria força.

Deve reagir-se, por isso, contra as conclusões simplistas e as facilidades aparentes em que se delicia o optimismo tólo de Pangloss. Atraídos naturalmente pelo rebrilho externo das palavras e pelo seu marulhar aliciente e insignificante, mais do que pelo seu conteúdo ideológico activo e dinâmico,—cautelal não vá às vezes cair-se naquele primarismo idiota que principiámos por denunciar nos outros e consiste no verbalismo estéril ou na aceitação passiva do que Antonio Sardinha chamava as falsas ideias claras:—falsas em si; claras, na aparência frágil a que logo as reduzem uns momentos de meditação.

As correntes nacionalistas portuguesas são repuxadas pela tendência de seguir os exemplos de fora, por um lado, e, no outro, pela força, consciente ou não, das tradições nacionais, algumas vezes inadapáveis (parece) ao menos a certas manifestações externas de algumas correntes nacionalistas estrangeiras. Mas seria ridículo fugir a reconhecer-se que, para combater males comuns, não podem ser universais os remédios. Por outro lado: seria estúpido não tirar conclusões das experiências alheias só porque são alheias. Quantas vezes a nossa vantagem provém afinal de termos verificado antes os ensaios estranhos—evitando erros e tentativas a que, noutras condições, seria difícil fugir!

Nós próprios temos experiências longas e às vezes dolorosas, que deveriam fazer-nos pôr de parte certas tendências já ensaiadas e abandonadas pelas conclusões a que nos levou a serena observação dos factos. Nem todos assistiram, porém, ou tiveram ocasião de as seguir—essas experiências; e esse é o mal inevitável. Se queremos, no entanto, ser verdadeiros e sinceros connosco, com as nossas próprias doutrinas, tenhamos a coragem de alijar quando for preciso os pesos mortos que arrastamos por bonomia ou inconsciência.

Pêso mortos, vejamos:—ou por serem velharias, a que nos prendemos, ou novidades, que nos deslumbram. Mas que a dignidade do pensamento nacionalista português como o amor à terra portuguesa, e o conjunto de elementos morais, intelectuais e materiais que cons-

As Casas do Povo

como remédio contra o exodo rural

Pelo Engenheiro Agrônomo SANTOS GARCIA

Uma das principais causas do exodo rural, na época que decorre, filia-se na falta de assistência quando a fatalidade da doença, do desemprego, da inabilidade e da velhice, bate á porta do trabalhador rural.

Na organização corporativa do trabalho permite-se a formação de Caixas ou Instituições de Previdência, tendentes a defender o trabalhador, na doença, na invalidez e no desemprego involuntário e também a garantir-lhe pensões de reforma, incumbindo a iniciativa e organização das Caixas e Instituições de Previdência, aos organismos corporativos devendo concorrer para a sua constituição e manutenção, os patrões e os trabalhadores, pertencendo a sua administração a representantes de ambas as partes constituintes.

Em primeiro lugar, o que se torna imprescindível é a união e nunca a separação do patrão do trabalhador rural.

A grande obra do corporativismo e de solidariedade que se denomina Casa do Povo, teve o seu início, pela publicação do decreto n.º 23.051, de 23 de Setembro de 1933.

Estão as Casas do Povo em plena fase de criança balbuciente, não tendo, na sua maioria, sido compreendidos entre patrões e trabalhadores rurais, os benéficos fins a que elas visam.

Na organização corporativa da lavoura, está-lhe destinada uma função muito importante e benemerente.

A criação das Casas do Povo obedece ao principio de que os que trabalham a terra não se sintam isolados; e, assim, com esta instituição possuem, a propriedade e o trabalho, estar inteiramente unidos, exigindo se-lhes deveres de reciprocidade a cumprir, obrigatoriamente, com a finalidade do bem comum, entre patrões e assalariados.

Uns e outros se deverão amparar espiritualmente, porquanto, se a patrões cabe o dever de se interessarem pela sorte dos segundos, estes por sua vez, assiste-lhes igualmente, a obrigação de não supor que áquelles a vida rural lhes corre sempre num mar de rosas, mediante por vezes, a dificuldade, na colocação dos seus produtos, no pagamento dos impostos e inclusivamente, na aquisição dos fundos monetários para as suas férias.

Ao contrario de certas organizações, fundadas com fim de intimidar patrões e destruir a propriedade indefesa, dentro do são ditame da lei cristã, todos deverão pertencer á mesma familia e, como tais, encontrarem-se num mutuo amplexo, adentro da Casa do Povo.

Por isso, se aos trabalhadores incumbe o dever de, na sua totalidade, se inscreverem na Casa do Povo da sua aldeia ou da sua vila, aos patrões o mesmo dever deve presidir á intenção de socorrer e prodigalizar conforto moral aos que, mercê do seu nascimento ou de infortunio, não podem lançar mão de outro recurso, que não sejam o fruto do suor do seu rosto.

A Casa do Povo não é mais do que a fórmula completa, onde a agricultura pode realizar todos os seus deveres sociais.

O decreto n.º 23.051, base dos estatutos que devem orientar o funcionamento das Casas do Povo, determina como seu fim principal, objectivo que jámais poderá ser deturpado ou relegado para segundo lugar, o seguinte:

«Criar instituições destinadas a assegurar aos socios proteção e auxilio nos casos de doença, desemprego, inhabilidade e velhice».

Nesta orientação, consignada em todos os estatutos das Casas do Povo compete-lhes serem organismos de cooperação social, isto é, prestarem auxilio mutuo a todos os associados, debaixo de todos os aspectos morais sociais, devendo por sua vez, cuidar do problema de previdencia social, ou seja a criação de Caixas de Previdência, que permitam o auxilio já referido, uma mutualidade, entre os seus socios efectivos.

Para que as Casas do Povo tivessem base legal, em que se podessem fundamentar, para a criação no seu seio, das Caixas de Previdência, o Estado português, pelo Diploma publicado em 2 Junho de 1934, decretou o necessario para que as

Casas do Povo, nele se podessem orientar, para esse fim beneficente,

A existencia de uma Caixa de Previdência em toda e qualquer Casa do Povo, será a alavanca maxima e melhor para conseguir fazer-se sentir, entre as populações rurais, a acção benéfica da sua existencia.

São as Caixas de Previdência uma parte integrante da Casa do Povo, e digamos com a maior franqueza, o maior objectivo immediato para as populações dos nossos campos.

Por outro lado, em cada Casa do Povo deverá sempre que esta se institua, criar-se na sua Caixa de Previdência, um Fundo de Assistência, com o fim de conceder auxilio aos associados que não possam entrar para a Caixa de Previdência, por falta de saúde ou que tenham atingido o limite de 46 anos de idade.

Os fins das Caixas de Previdência são:

- Prestar assistência médica, a qual poderá ser prestada em casa do socio, quando a doença lhe não permita sair, sendo o parto, considerado como doença, para o efeito da assistência médica;
- Dar subsídios na doença, durante três meses no ano;
- Dar subsídios por nascimento de filhos,
- Dar subsídios, por morte, por uma só vez, á familia ou pessoa indicada, previamente, pelo sócio;

A finalidade do Fundo de Assistência é a seguinte:

- Prestar assistência médica;
- Conceder socorros pecuniarios;
- 1.º—Na incapacidade para o trabalho;
- 2.º—Na velhice;
- 3.º—Na morte;

Finalizando, diremos que devem ser socios efectivos da Casa do Povo, todos os chefes de familia e todos os adultos do sexo masculino de mais de 18 anos, abrangendo todos os individuos que sejam pequenos proprietários residentes na área da freguesia ou do concelho, que ganhem a sua vida trabalhando por conta de outrem, como assalariados.

Ainda, as mulheres que não fôrem chefes de familia, bem como os menores de 18 anos, poderão ser admitidos, não na Casa do Povo, mas sim, nas instituições de Previdência e Fundo de Assistência, criados pela Casa do Povo, para que possam todos, gozar dos beneficios respectivos.

Daqui resultará uma verdadeira familia, em que os abastados, concorrendo com quotas elevadas, ajudam os pobres e com eles se ligam, na elevada e sacrossanta obra de paz e de trabalho, na senda de um progresso que a todos beneficia e deve seduzir.

E para isso, preciso é tão sómente, que todos, grandes e pequenos de haveres, disponham de uns centavos que lhes sobrem, para se acautelar o dia de amanhã.

Integrados no principio corporativo, devemos procurar educar e melhorar, ao mesmo tempo, as classes rurais que necessitem de assistência, por intermédio das Caixas de Previdência, que serão uma obra sua, e ás quais têm ligados o seu sacrificio, a sua responsabilidade e a sua esperança num futuro calmo, bendizente e agradecido pelo trabalho produzido, para bem da terra portuguesa.

Ao principiarmos dissemos ser a falta de assistência uma das causas do exodo rural.

Perante a legislação existente, no nosso País, no momento presente, e que acabamos de citar e fizemos evidenciar, pelos beneficios que pode dispensar á classe rural, o exodo rural não mais terá lugar, devido a essa causa, quando as Casas do Povo e as suas Caixas de Previdência funcionem, dentro dos fins expressos, nos seus estatutos, e com aquele amor e dedicação que urge deva ser apanágio de patrões e trabalhadores.

E, se assim não tiver lugar, não poderemos lamentar nos de não termos tido meios com que pudessemos fazer face ás consequências inevitáveis que provenhão da nossa inércia, em caminharmos ao encontro de determinados males sociais.

Sejam os humanos, para nos podermos impor.

A Embaixada

Já por várias vezes nos temos aqui referido á «embaixada» artística de Tavira.

Trata-se de um agrupamento de clubes locais destinado a levar o nome da nossa linda terra a outras, mostrando-lhes quanto pode a boa vontade desde que se saiba aproveitar bem os elementos de que se dispõe.

A «embaixada» constituiu-se, pode dizer-se, á roda da Banda Municipal ou, melhor do seu maestro. De facto, sem um Herculano Rocha em que se juntasse a competencia e a vontade de trabalhar, de servir, não era possível conseguir-se o nucleo artistico que Tavira possui neste momento. Não queremos, também, deixar de falar em Manuel Virgínio Pires, a quem, pelo facto de ser da casa, não lhe devemos regatear a quota parte que lhe pertence na «embaixada».

Tavira consegue apresentar neste momento, alem da Banda Municipal, um orfeão de 160 figuras, da Sociedade Orfeonica de Amadores de Musica e Teatro; um grupo cénico de 60 figuras, representando a revista «Ponto e Virgula», letra de Manuel Virgínio Pires, que tanto exito alcançou quando da sua primeira serie de representações e que agora reaparece, completamente remodelada.

O orfeão é regido pelo maestro H. Rocha, bem como é dele a musica da revista, onde abundam belos numeros, quer isolados, quer de conjunto.

Este agrupamento artistico apresentar-se há, muito em breve, em Faro, numa recita de beneficencia a favor da assistência da capital do distrito. Sabemos que naquela cidade, ainda se fala com calor no espectáculo que a Sociedade Orfeonica há mezes lá realizou, e a noticia da visita da «embaixada» foi recebida com o maior entusiasmo.

E' tempo de Tavira começar a demonstrar que não é a — morta — como alguém lhe chamou.

Ai dos vencidos! é um grito que devia estar bem presente aos ouvidos dos tavirenses.

«Pêso Mortos»

O artigo que noutra lugar publicamos, com este titulo, da autoria do illustre nacionalista e homem de letras, Manuel Murias, é transcrito dum exemplar de «Bandarra» semanario que em tempos se publicou em Lisboa. Inserimo lo hoje, porque os tempos vão turvos e é conveniente chamar á realidade outros nacionalistas transviados, uns por preguiça e outros por excesso de agitação.

Falecimento

Faleceu nesta cidade a sr.^a D. Isaura d'Almeida Santos, mãe do Aspirante de Engenharia sr. Armando d'Almeida Santos e irmã do sr. Joaquim Jeronimo d'Almeida, presidente da Direcção do Club Recreativo Tavirense.

A' familia enlutada os nossos sentidos pesames.

Taxa anual

Foi determinado que a taxa anual a que se refere o § 1.º do artigo 4.º do decreto-lei n.º 26.114 seja cobrada de futuro nas regiões onde até ao fim do ano de 1938 se procedeu á profilaxia de tuberculose, pelas seguintes importancias para os animais leiteiros da mesma exploração pecuária indempnes daquela doença:

- 1.º De 20.000 por cabeça no ano seguinte ao da verificação daquele estado sanitario;
- 2.º De 15.000 por cabeça no segundo ano;
- 3.º De 10.000 por cabeça no terceiro ano e seguintes.

Ingratidão Soviética

Estaline, que já provara ter inúmeros defeitos, quiz agora testemunhar ao mundo que, além de sanguinário, sem escrúpulos, desonesto, etc, etc, é também ingrato.

Esqueceu-se de que a U. R. S. S. teve em Bênes o seu principal campeão para a admissão no or-

gânismo genebrino e recusou autorizar a entrada no «paraíso» vermelho a novecentos comunistas checoslovacos que lhe pediam hospitalidade.

Quando aos espanhóis comunistas fugidos ante o triunfo de Franco, procedeu de igual modo, fechando-lhes a porta na cara.

Os comunistas não russos têm assim razões de sobejo para estar desiludidos. No entanto, o que lhe acontece era de esperar. Enquanto serviam a causa da Revolução mundial trabalhando nos Estados onde o bolchevismo era tolerado, mereciam, naturalmente, as boas graças do Komintern. Derrotados,

porém, de nada servem, a não ser que vão trabalhar noutros países ainda não soviéticos.

Na Rússia é que ninguém os quere. Se entrassem lá constituiriam um aborrecimento e um perigo para o senhor Kremlin no dia em que este reconhecendo a impossibilidade de realizar o seu sonho de fazer triunfar o comunismo fora da Rússia, tiver de resignar-se a ser, apenas, um déspota asiático.

O Komintern, entretanto, continua a exortar os comunistas de todos os países, prometendo-lhes mundos e fundos. Esperem-lhes pela pancada...

Manuel Murias.

Pela Província

Villa Nova de Cacela

Grémio Cacelense—Na noite de 16, récita em benefício do seu cofre.

Foram em repetição as peças: *A Bomba*, comédia; *Milagre de Amor*, opereta, e a *Canção do Nicola*, que na noite de 2 de Abril tinham obtido grande successo.

Célia Rijo, na *Canção do Nicola*, foi outra vez muito aplaudida.

Nos números novos, os que mais agradaram foram: *Eu cá...* P. f. cena cômica por Leonor Guerreiro e Joaquim Xavier, da autoria do encenador; *O Estudante e a Cigana* dueto, por Mariana Bandeira e Manuel Vicente Campinas; *Valsa Saudade*, cantada por Maria Rita do Nascimento; e no quadro da autoria do encenador: *Retiro da Severa*, Célia Rijo e José Castanheira Cristo em fados acompanhados à guitarra e viola.

O espectáculo seria mais apreciado, principalmente os últimos números, se não fosse tão longo, pois acabou cerca das 3 da madrugada, já quando tinham saído alguns espectadores e os que ficaram estarem fatigados e com os assentos doridos das poltronas de pinho nu.

A preocupação de fazer espectáculos muito longos para agradar mais é um erro, porque tudo cança, e é pena tirar o realce a números de valor. E' caso para se dizer que o espectáculo foi bom de mais, pois com menos alguns números não fatigaria.

Célia Rijo e Leonor Guerreiro, duas amadoras de merecimento, aproveitaram dos reparos que sobre caracterização fizemos na última crítica, e apresentaram-se correctas.—c.

Gachôpo

Tem passado bastante incomodado de saúde o nosso presado assinante Sr. Rafael de Brito Lopes, abastado proprietário e Presidente da União Nacional desta freguesia aquem desejamos rápidas melhoras.

Falecimento—Faleceu no dia vinte de Abril, no sitio da Feiteira o sr. João do Brito Lopes, de 83 anos de idade, viuvo, proprietário, pai do sr. João do Brito Lopes Junior, da Sr.ª D. Maria do Brito de Matos e Ana do Brito Lopes e sogro do sr. João Torres de Matos Casaca, e irmão do sr. Rafael do Brito Lopes, do sitio da Alcaria Alta, cuja morte foi bastante sentida, visto ser um dos grandes protectores da classe menos abastada.

A' família enlutada enviamos sentidos pêsames.—c.

Vende-se

Uma casa no alto de S. Braz com armazem grande no rez de chão, quintal, palheiros, seis divisões no 1.º andar e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

ESCOLA

Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA

Rua do Arsenal, 54-3.º LISBOA

Fundada em 1930

e ao abrigo do Decreto 23.447

Habilitação garantida para

Guarda-livros

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º 19

Sr.ª D. Aurora Torres Dias—Colares (Cintra).

Sr. José Rademaker Guimarães—Pevidem (Minho).

Sr. Felix Carlos—Bombaral.

Sr. José F. Fialho Gomes—Safára (Alentejo).

Sr. Maximiano Trindade Duarte—Santarem.

(Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes)

Cursos de Escrita, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contém planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Provincias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe for possível recorte e envie-nos este anuncio.

Agente no Algarve: Para informações e matriculas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, O. BHÃO.

Brinde

POR CARLOS AMARO

Peço licença, senhora,
Licença para brindar,
Brindo às morenas e às louras
E às dos olhos côr do mar,

Aos de veludo castanho,
Macios, lentos, fatais,
Como essês pantos de antanho
Velando finos punhais.

Aos azues vindos dos céus,
E aos da côr das violetas
Que são mandados por Deus
A's mansardas dos poetas.

E àquelas que os têm pretos,
Senhoras dos olhos magos,
Como cisnes negros, quietos
Dormindo à noite, nos lagos.

E aos piedosos, sempre chorosos
Olhos de freiras nas celas...
Mais aos olhos das ciganas
Entre fitas amarelas
Tecendo sob as pestanas
Bruxedos, mortes, horrores!

Aos olhos destas, daquelas,
Brindai comigo, senhores,
Como quem brinda às estrêlas.

O inimigo número 1

Ao examinar as realidades presentes da Europa muitos jornais de França, Bélgica e Suíça perguntam se os países considerados burgueses desejam suicidar-se por meio duma aliança com a Rússia.

Que se pode esperar da pátria do bolchevismo? Decerto nenhum bem que neutralize o imenso mal que ela pode causar.

A Soviécia continua a ser, não só pelas suas doutrinas e métodos mas ainda pela consequente actividade nos seus sequazes, o foco mais virulento de dissolução das nações.

Mesmo sob o ponto de vista da força os últimos acontecimentos elucidam-nos suficientemente sobre o que dela se pode esperar.

Que fez a Rússia para salvar a Checoslováquia, sua irmã de raça, aliada, filha dilecta e cunha do sovietismo na Europa Central?

Como procedeu a «invencível pátria do socialismo», depois que a Polónia respondeu com ironias a um estrondoso ultimato?

Que fez ela já em proveito da Roménia?

Num mutismo inexplicável e numa inactividade espantosa, a Soviécia tem assistido como elemen-

to inteiramente passivo a tôdas as transformações da Europa que a afectam.

Pelo contrário, nós vemos os Molotfs, Kagavitchs e companhia da «pátria do Socialismo» retirar, com as suas indústrias vitais, segundo o novíssimo plano quinquenal, para o Oriente, lá para a Asia...

Os aludidos jornais, em contra-partida, mostram onde a Rússia manifesta a sua subversiva actividade e a sua execranda presença.

E isso foi duma maneira bárbaramente notável sobretudo, em Espanha. Ai a encontramos, como inimiga, na luta pela defesa dos princípios morais da Civilização Ocidental. Encontramo-la ainda nas perturbações tentadas em Portugal nos últimos tempos.

As duras realidades por que passamos obrigam-nos consequentemente a considerar como pestifera qualquer hipótese de relações com a horda soviética e foco da III Internacional.

Só os nossos mais encarniçados inimigos se encontram coligados e ao serviço dessa potência do Mal.

Livros e Revistas Distrito de Recrutamento e Mobilisação N.º 4

FARO

REVISTA DE INSPECÇÃO DE 1939

Datas da Revista	Concelhos	Freguesias	Entidade que passa a revista	Localidade onde é passada a revista	Armas e Serviços
7	Alportel Tavira Loulé	S. Braz d'Alportel Stá. Maria Almancil	D. R. M. 4 R. I. 4 Sub-Chefe	Faro Tavira Loulé	Tôdas as armas e Serviços
14	Faro Tavira Loulé	Conceição e Estói S. Tiago Ameixial e Alte	D. R. M. 4 R. I. 4 Sub-Chefe	Faro Tavira Loulé	Tôdas as armas e serviços, excepto Alte que são menos as pertencentes a Inf. 4
21	Faro Tavira Loulé	S. Pedro S. Estevão e Luz Alte	D. R. M. 4 R. I. 4 Sub-Chefe	Faro Tavira Loulé	Tôdas as armas e serviços, excepto Alte que são só as praças pertencentes a Inf. 4
28	Faro Olhão Tavira Loulé	Sé Fuzeta Cachopo e Conceição Boliquiteime	D. R. M. 4 R. I. 4 Sub-Chefe	Faro Tavira Loulé	Tôdas as armas e serviços, excepto Boliquiteime que são só as praças pertenc. a I. 4

Indicações úteis; Pequenas consultas, etc.

«Boletim da A. C. dos Lojistas de Lisboa» — Sumário do número 31:

Dever a cumprir; Mentalidade Corporativa, Fernando Campos; Regulamentos economicos, Dr. Ramiro Seixas; Depoimento corporativo, Francisco Manuel da Costa; As Caixas Sindicades, Sobral Junior; Caixa de Auxilio ao Comercio Lojista, Ernesto Nobre; O verdadeiro ouro, Horacio Gonçalves; Informações, etc.

«O Volante» — Sumário do número 472:

A circulação automovel no mundo atinge, presentemente, cerca de 42 milhões de unidades; Breves noticias de todo o mundo; O problema do turismo em Portugal; O criterium do turismo; Paris; Nice; Pagina de Aviação; Pagina de Motos; Pagina de camionagem, etc.

«O Contribuinte» — Sumário do n.º 300; O evangelho fiscal,

Relações económicas com Cuba

Foi estabelecido um tratado comercial entre Portugal e Cuba documento de grande alcance para os dois países.

Os nossos vinhos não sofrerão, em Cuba, maiores encargos que quaisquer outros importados, e os tabacos cubanos gozarão, em Portugal, de igual beneficio. Os vinhos do Pôrto e Madeira são reconhecidos como exclusivos de Portugal, sendo perseguidos os falsificadores ou importadores de imitações.

Os tabacos cubanos têm, entre nós, igual defesa de marcas,

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—A menina Maria Manuela Andrade Martins.

Em 1 de Maio—D. Maria do Carmo Teixeira Tello, D. Maria d'Assunção Gaspar e os srs. Artur Neves Rafael e José da Silva Domingues.

Em 3—D. Maria da Cruz Ribeiro Homenio Pereira.

Em 4—D. Judite Maria d'Araujo Baptista Regato e a menina Maria Floriana Candido Ribeiro Pereira.

Em 5—D. Ema Xavier Ferreira Coelho, D. Maria Alexandrina Aguiar Guimarães e os srs. José Solesio Padinha e José Antonio Mil Homens.

Em 6—D. Eteylina Trindade e D. Maria da Conceição Santos Solesio.

Partidas e Chegadas

Afim de escolher modelos para a próxima estação, partiu para a capital, Mle. Maria da Conceição Parra, modista de chapéus

—Regressou de Lisboa Mle. Maria Albertina Massapina, distinta professora de chapéus, onde foi adquirir os novos modelos para a presente estação devendo abrir hoje a exposição no seu atelier.

—Esteve nesta cidade o sr. José Parreira, distinto jornalista e membro do Conselho da Administração da C. P.

—Vimos nesta cidade o sr. capitão Paulino José B. Dorez, ao serviço na Guarda Nacional Republicana, em Lisboa.

—Foi á capital em missão de serviço o furriel sr. Liberto dos Martires Laranjo Conceição.

—Esteve nesta cidade o sr. Hermenegildo dos Reis Ferro, nosso presado assinante e chefe da C. P. no Algós.

—Em visita a sua mãe esteve nesta cidade o sr. Aldomiro de Sousa Fagundes, funcionário da C. P.

—Regressou da capital o sr. Filipe Ribeiro.

Doente

Encontra-se gravemente enfermo o nosso particular amigo sr. Capitão Manuel Luiz Baptista Marçal, antigo Presidente da Camara Municipal. Fazemos ardentes votos pelas suas rápidas melhoras.

Por este motivo encontra-se nesta cidade acompanhado de sua familia, seu genro, o sr. Engenheiro Francisco Antonio Rodrigues, director da Fabrica de Vidros Gaivotas.

Teatro Popular

Duas Feras em 11 partes é uma comedia das mais alegres, que enfileirou na galeria dos triunfos não só pelo admiravel trabalho de Catharine Hepburn, a tragica, desempenhando agora um papel tão deliciosamente impregnado de frescura, como pela bela actuação de Cary Grant, um verdadeiro az na comedia e ainda pelo seu originalissimo argumento.

E é este filme divertidissimo que provoca franca gargalhada pela sua engraçada historia e inúmeros «gags» que se exhibe como produção mais categorizada no programa de hoje.

Catharine Hepburn, segundo a boa critica, triunfa no seu genero novo como nas suas ineguaiveis criações dramaticas.

O *Idolo do Oeste* em 7 partes com o popular George O'brien é um filme de aventuras de ambiente diverso do habitual que, com as suas famosas façanhas constitue um esplendido complemento.

A seguir, e continuando a exhibição de bons filmes, será apresentada uma sublime produção historica de insuperavel grandiosidade.

A exportação de tôros de pinho

Um decreto publicado no «Diário do Governo» concede, por intermédio do Grémio dos Exportadores de Madeiras para Minas, aos exportadores de tôros de pinho para entivação de minas, com casca ou descascados, destinados aos mercados externos, uma redução de 40 por cento do imposto ferroviário cobrado pelas companhias de caminhos de ferro, e reduz de 75 por cento tôdas as taxas a cobrar nos portos do continente pela saída dos referidos tôros.

Mande executar os vossos impressos na TIPOGRAFIA SOCORRO
Telex: 59—Vila Real de Santo Antonio

Assine o «Povo Algarvio»

DEPÓSITO DE LANIFICIOS

— DE —

José Alexandre do Nascimento

TELEFONE 86

Campo da Pátria - CASTELO BRANCO

Nesta casa encontra V. Ex.^a um enorme sortido de:

Casemiras, Sarjas, Estambres e Cheviotes, bem como Fazendas, para casacos de Senhora e Sobretudos para Homens, tudo aos melhores preços.

ENVIAM-SE AMOSTRAS

Representante no Algarve:

Diamantino Trindade Bernardo

— Conceição de Tavira —

VENDE-SEUma charrette em bom estado. Informa Manuel Pedro Cabrita J.^{or}, Largo do Mercado—Tavira.**Dr. João Moniz Nogueira**Ex-assistente do professor Porthman da Universidade de Bordeaux e Paris—Especialista de Garganta, Nariz e Ovidos
Consultas às terças-feiras das 15 às 17 horas e**Carlos Silva**

Cirurgião-Dentista

Consultas aos Domingos das 10 às 14 e às terças-feiras a partir das 11 horas, na

POLICLINICA

do

Monte-Pio Artístico Tavirense

Avenida 5 de Outubro

TAVIRA

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Dr. Oliveira e Silva

MEDICO VETERINARIO

Recebe chamadas para consultas e tratamentos todas as 3.^{as} feiras das 15 às 17 horas na Sede do Montepio Artístico Tavirense.

NOTA—Nos serviços prestados aos animais pertencentes aos socios do Montepio há 25 % de desconto.

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10

TAVIRA

Agencia da Tabaqueira

e da Fosforeira Portuguesa

Venda de tabaco e fosforos

aos melhores preços

Condições especiais

para revendedores

Liquidação

Por efeitos de balanço, teve início no dia 1 de Abril a liquidação de toda a existência de joias e pratas da

Ourivesaria Mansinho
TAVIRA

Propagai os vossos produtos no semanário
- regionalista: **POVO ALGARVIO** -
o jornal de maior expansão da Província.

Drogaria Tavirense

DE

SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS

Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTESFERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA

Tubos para irrigador, sacos para gelo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS

Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

PerfumariaCompleto sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.**Rua José Pires Padinha****TAVIRA**

Os melhores cafés preparados á vista dos Clientes, Puros e Lotados, só se encontram á venda no

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIAS

da firma:

Bernardino M. Mateus

R. Alexandre Herculano, 2 e 4

TAVIRA

Lembrem-se V. Ex.^{as} que um bom Café é o complemento duma melhor digestão.